

A RETÓRICA DA PERDA COMO NARRATIVA DE NAÇÃO EM HELENA DE MACHADO DE ASSIS

Addson Araújo Costa¹

RESUMO

No presente artigo busca-se mostrar elementos do romance que fariam parte de uma concepção de nação literária proposta por Machado de Assis, assim como na escritura clássica, onde a mulher é envolvida como metáfora da nação por um não heroísmo cultural, assim como no mito da Helena grega, analisando-a com uma abordagem do feminino mítico como imagem de nação, identificando no romance uma narrativa de nação, discutindo a retórica da morte e da perda refletido em uma nação literária e observando o pseudo-incesto como metáfora da dramatização cultural da nação. O romance reflete a estrutura social da época, trazendo uma personagem submissa e marcada com esses caracteres românticos, retratando um pouco a vida da mulher na sociedade carioca e burguesa de então. É um reflexo social dessa época, traz uma personagem submissa e marcada com esses caracteres românticos. A obra é uma apoplexia fulminante ao projeto literário romântico como ideário de nação.

Palavras-chave: machado de assis, helena, romantismo, nação, retórica da perda.

O romance Helena e a retórica da perda

O romance brasileiro, independente do período literário em que se encontra, sempre tratou da imagem feminina. Desde o período do Quinhentismo, do Arcadismo, Romantismo, em diante, a presença de personagens femininas é grande e muito importante. Assim, trata-se, neste estudo, da personagem Helena de Machado de Assis.

Desse modo, no momento em que a diferença entre o que é melhor ou pior se relaciona a seres humanos, não se pode determinar um padrão que estabeleça as atitudes de um em relação ao outro, com a finalidade de enaltecer um em detrimento do outro.

Em se tratando de gênero não há como estabelecer hierarquia, uma vez que se pressupõe tratar de cidadãos, cujos direitos devem ser garantidos por uma lei maior que rege a sociedade a qual pertencem. No entanto, historicamente, se sabe que situações desfavoráveis à mulher ocorreram e, em plena globalização, ainda ocorrem.

Ainda hoje a mulher é discriminada e ou excluída em setores públicos. A situação acaba ou por confiná-la ao âmbito doméstico ou por fazê-la aceitar viver uma

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

condição de subordinada. O tema da mulher tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, seja pela filosofia, sociologia, direito, psicologia etc.

A literatura através da linguagem apresenta elementos de natureza social e psíquica de uma dada civilização resultando, desse modo, numa modalidade de comunicação inter-humana que aparece como sistema simbólico capaz de expor veledades profundas do indivíduo.

Pode-se então afirmar que a literatura constitui uma transfiguração do real: realidade recriada pelo escritor que cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis por meio dos padrões das verdades factuais, tendo em vista ser também por meio da literatura que se toma contato com a vida, com as verdades comuns a todos os homens e lugares. Diante disso, se toda forma de arte traz a possibilidade de recriar a realidade, então o artista possui um poder mágico: o de moldar a realidade segundo suas convicções, sua vivência.

Isto é, o escritor transforma de modo simbólico o mundo em outro mundo que se apresente como sendo mais bonito, mais significativo. Esse mundo criado se faz com a cultura, com as experiências de vida, com a visão de mundo do autor. Nessa perspectiva, uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula de plasmar elementos não literários (impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos), que são a obra-prima do escritor.

Nessa linha de pensamento de que a literatura trata de aspectos do mundo real, tenta-se mostrar neste trabalho a arte de Machado de Assis que, através de sua criação singular – Helena –, dá voz e espaço para o feminino.

No século XIX, quando o modelo de mulher ainda é a romântica e tem-se a materialização do silêncio feminino, Machado de Assis protagoniza Helena. Analisando a questão da mulher na época, constata-se ser verdade que esta era completamente desprovida de qualquer participação importante na vida política e econômica da sociedade brasileira.

O romance Helena, de certa forma, um reflexo social dessa época, traz uma personagem submissa e marcada com esses caracteres românticos, aliás, bem de acordo com o cânone literário vigente, retratando um pouco a vida da mulher na sociedade carioca e burguesa de então.

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação – não humilde, mas digna -, conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 286).

Helena é o romance do precível e do descontínuo, título denominador de uma personagem dialética que constrói a narrativa pela fragmentação sequencial aliada a armação episódica. Como a própria causa da morte do Conselheiro Vale, nas palavras de Machado de Assis, o romance é uma apoplexia fulminante ao projeto literário romântico². Escrito entre 1869 e 1879, período em que o escritor realiza seu enlace matrimonial e solidifica sua estabilidade, surge posteriormente aos romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874) e anteriormente ao romance *Iaiá Garcia* (1878), ambos trabalhos de sua “holografia” romântica.

Circunscrito na poética do nacionalismo que forjou a formação da literatura brasileira, escrito em vinte e oito capítulos, assumiu desde então um papel de metacrítica ao romantismo, na medida em que frustra essa formação não aderindo ao movimento indianista, problematizando a constituição da identidade nacional ou a natureza americana. Posicionamento que se encontra discutido no ensaio *Instinto de Nacionalidade*, em que Machado de Assis (1994, p. 804) assim se pronuncia:

Um poeta não é nacional só porque insere em seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, [...]. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Uma literatura nascente poderia alimentar-se do que lhe oferecia a sua região, o indianismo estava autorizado a compor o repertório temático de nossa literatura, mas não deveria ser um dogma que a empobrecesse (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 804).

² Define-se por apoplexia uma perturbação neurológica súbita, de origem vascular, em que há privação dos sentidos, do movimento e da fala (AURÉLIO, 1999).

Assim, em Helena, a partir da personagem feminina de mesmo nome pretende-se tornar visível a significância do papel feminino num contexto modelado pelo perfil da mulher dócil, solícita, recatada, cortês, como se apresenta a mulher romântica e a questão da visão da sociedade burguesa e patriarcal da época ainda é bastante vigorante, assim, o interessante é desmascarar também essa sociedade.

Isto evidencia Machado de Assis como um autor completamente consciente no seu tempo. Se ele fora romântico no início de sua carreira, não devia isso a incongruência da inexperiência, mas a consistência de um autor consciente de que escrevera conforme a necessidade de seu espírito de época com uma cosmovisão crítica de sua própria realidade.

No presente artigo busca-se mostrar elementos do romance que fariam parte de uma concepção de nação literária proposta por Machado de Assis, assim como na escritura clássica, onde a mulher é envolvida como metáfora da nação por um não heroísmo cultural, assim como no mito da Helena grega, analisando-a com uma abordagem do feminino mítico como imagem de nação, identificando no romance uma narrativa de nação, discutindo a retórica da morte e da perda refletido em uma nação literária e observando o pseudo-incesto como metáfora da dramatização cultural da nação.

Como direcionamento, utiliza-se também a abordagem de Walter Benjamin (1992), que permite análise do discurso de nação. Benjamin utiliza-se do anjo de Paul Klee para refletir a respeito do trabalho do historiador. Optou por um modo de exposição de seu pensamento sobre a história, baseado na construção de imagens e alegorias, ao invés de prender-se a uma investigação metodológica formalista, presa às leis e regras convencionais fundamentadas na estrutura representacionista do conhecimento.

Entendemos que a associação é importante, visto que ambas, literatura e história, se utilizam da narrativa. Vejamos como Benjamin (1992) desenha seu anjo:

Há um quadro de Klee que se chama *Ângelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma única cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os

mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1992, p. 162).

Benjamin critica a noção de uma marcha incoercível em direção ao futuro, promovida pelo progresso, de uma marcha simplesmente através dos tempos, indiferente aos fatos que atravessa (BENJAMIN, 1992, p. 229).

Benjamin (1992) toma por base a construção de imagens e alegorias, ao invés de prender-se a uma investigação metodológica formalista, presa às leis e regras convencionais baseadas na estrutura representacionista do conhecimento.

A alegoria é um gênero literário que pode ser entendido como uma estória narrada sobre uma situação histórica presente, na qual existe um forte sentimento de perda, transitoriedade, ao mesmo tempo em que existe um desejo permanente e insaciável pelo resgate de um passado histórico ou mítico, além de uma permanente esperança de um futuro redimido (BENJAMIN, 1992).

Torna-se então inconveniente pensar a nação apenas no âmbito de suas fronteiras, mas pensá-la como objeto literário que deve ser entendido como uma alegoria nacional que referencia o inconsciente coletivo em uma unidade social.

As alegorias não apenas expressam um desejo por um passado glorioso e autêntico; elas, simultaneamente, expõem o seu desaparecimento. Desse modo, pode ser analiticamente produtivo pensar os patrimônios culturais como alegorias por meio das quais idéias e valores classificados como “nacionais” vêm a ser visualmente ilustrados na forma de objetos, coleções, monumentos, cidades históricas e estruturas similares (GONÇALVES, 1996).

Recorrendo às alegorias machadianas, busca-se, como recurso metodológico, tematizações de trechos da obra objeto de estudo, que interessem aos temas aqui abordados como condições de argumentação para um diálogo com os conceitos benjaminianos.

A imagem da nação

O romance *Helena* torna-se uma *peinture* – ou *tableaux* – que reuniria em ficção os anseios explicativos da catástrofe daquela nação literária. O estigma da morte subjetivada no romantismo encontra na personagem machadiana a própria figura de seu nascimento aparentemente bastardo, deserddado e sem significado, deslaçada da nação literária do arcadismo, sem herança de escrita que encontra na família Vale o significado de sua existência. Porém, a possibilidade violenta do pseudo-incesto lhe causa a própria destruição. Nela, o anjo da história de Benjamin. Entenderá que os traços da jovem tipifica o nascimento de qualquer nação, não somente daquela que ele investiga particularmente.

Para Wander Miranda (1994, p. 31) a narrativa da nação é um jogo sutil entre lembrar e esquecer. Portanto, na origem da formação de uma nação, a brutalidade imperante, marcada pelo derramamento gratuito de sangue, imprime a barbárie na imaginação coletiva de modo que a unidade não pode ser constituída sem o exercício do esquecimento. Helena é uma personagem que busca esquecer a brutalidade de um passado miserável refugiando-se arditosamente em uma família burguesa sustentando o engodo de ser herdeira do patriarca.

A figura dessa herdeira mostra que nenhuma nação vive sem o seu próprio passado, a ficção trata de transformar os agentes da brutalidade em grandes personagens históricos, heróicos, e acontecimentos importantes, assim como ela mesma insiste em dignificar-se. Somente depois, aqueles interesses comuns, que na verdade eram incomuns, tornam-se elementos fictícios da unidade. O passado torna-se uma lembrança mítica e o presente um plebiscito diário. Neste sentido, o Anjo percebe que a mocinha transforma-se no próprio mito de seu passado efetivando seu plebiscito pelo logro da dualidade de ser irmã ou amante.

José Gonçalves diz:

De certo modo, podemos pensar qualquer texto literário, pintura ou performance dramática como alegoria, ou explorarmos a sua dimensão alegórica, já que esta jamais existe isoladamente como uma qualidade intrínseca a determinada obra, mas sempre de modo complementar a outras dimensões de representações (por exemplo, a representação realista) (GONÇALVES, 1996, p. 27).

Neste caso, o texto literário em estudo será visto como meta história que reúne ficcionalmente as representações caóticas e arbitrárias da sociedade para dar-lhe coerência existencial que a interroge. Neste caso, as narrativas tornaram-se patrimônio nacional ao relatarem instintos nativos de apropriação e perda, posto que este patrimônio ao tornar-se alegoria redime a nação produzindo a formação do imaginário nacional.

As práticas de preservação cultural da nação estão associadas a narrativas elaboradas quando, conforme dado contexto, os valores nacionais estão em risco de desaparecimento. A perda pressupõe uma situação original de continuidade que é esmagada pela história em seu contínuo processo de destruição. A narrativa tem por missão proteger esses valores ameaçados e redimi-los em uma dimensão de permanência e transcendência. No entanto, ao mesmo tempo que as narrativas protegem os valores nacionais, elas também desencadeiam o processo de perda e desintegração quando são apropriadas indevidamente para expressarem uma tradição nacional conforme a resolução de um grupo específico que despreza outras narrativas em favor de seus pressupostos teóricos de cultura, civilização, tradição, língua e identidade (GONÇALVES, 1996, p. 27).

Desse modo, a perda não é exterior, mas parte da dialética das “estratégias discursivas de apropriação de uma cultura nacional”. Ela existe a partir do momento em que se elege uma narrativa com o cuidado de objetificar uma categoria sócio-política com o medo de que ela seja perdida. Pleonasticamente, a retórica da perda decorre do cuidado de que determinada categoria objetificada de narrativa seja perdida.

Considerações finais

Até o final do século XIX, a economia brasileira se sustentava no modo de produção escravista e monocultora. A grande lavoura imperava em detrimento da produção de auto-consumo; a exportação era considerada mais importante que lavoura de subsistência. Uma vez que o consumo no país era reduzido, já que se restringia às classes dominantes e estas se contentavam com a importação de bens.

A impossibilidade de revolta social, contudo, não suprime a própria humanidade. Revoltar-se contra o senhor era antes privar-se totalmente da possibilidade de conquistar

qualquer benefício. A manipulação será, nesse contexto, a maneira mais profícua de se conseguir alguma coisa.

Assim ocorre nos romances de Machado de Assis. O contraste entre o pressuposto de vontade senhorial inviolável e a tentativa de um viver mais autônomo, implica em conflitos que irão ser, em vários dos romances, o ponto a partir do qual Machado de Assis desenvolve suas tramas.

O romance Helena reflete a estrutura social da época, trazendo uma personagem submissa e marcada com esses caracteres românticos, aliás, bem de acordo com o cânone literário vigente, retratando um pouco a vida da mulher na sociedade carioca e burguesa de então.

O presente estudo procurou analisar a obra Helena de Machado de Assis, destacando a significância do papel feminino num contexto modelado pelo perfil da mulher dócil, solícita, recatada, cortês e a questão da visão da sociedade burguesa e patriarcal da época.

Tendo em vista a amplitude do tema, o presente artigo não teve como meta o esgotamento do assunto, mas tão somente uma tentativa de apresentar a questão a partir de alguns parâmetros escolhidos, sem deixar de reconhecer a existência de inúmeras outras possibilidades de análise.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Magia e Política*. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa: em três volumes*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, vol. 1-3.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, São Paulo-SP, v. 02, p. 31-38, 1994.

THE RHETORIC OF LOSS AS NARRATIVE NATION IN HELENA BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT

This paper tries to show elements of the novel that would constitute a conception of literary nation proposed by Machado de Assis, as in classical writing, where women are engaged as a metaphor for the nation by a non-cultural heroism, as well as in the legend Helen of Greece, analyzing it with an approach to the female image as a mythical nation, identifying the novel a narrative of nation, discussing the rhetoric of death and loss reflected in a literary nation, and observing the pseudo-incest as a metaphor for cultural drama of the nation. The novel reflects the social structure of the time, bringing a submissive character and marked with these romantic characters, portraying a little woman's life in Rio and bourgeois society of the time. It is a reflection of social time, brings a submissive character and marked with these romantic characters. The work is a lightning stroke to the literary project as romantic ideals of the nation.

Keywords: machado de assis, helena, romanticism, nation, rhetoric loss.